

Folha de Pernambuco – Entrevista com **Moacir Gadotti**

Moacir Gadotti, fundador e atual presidente de honra do Instituto Paulo Freire, é doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra, doutor *Honoris Causa* pela Universidade Rural do Rio de Janeiro e professor aposentado da Universidade de São Paulo. É autor de uma extensa obra, incluindo, *Pedagogia da práxis; Paulo Freire, uma biobibliografia e A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar*, onde desenvolve uma proposta educacional cujos eixos são a formação crítica do educador e a construção da educação cidadã numa perspectiva dialética integradora e orientada pelo paradigma da sustentabilidade.

Folha de Pernambuco - *O senhor foi muito próximo do renomado Paulo Freire. O que isso interferiu positivamente, claro, na sua carreira profissional?*

Moacir Gadotti – Convivi 23 anos com o pernambucano e cidadão do mundo Paulo Freire. Minha carreira de professor foi marcada por esse encontro que se deu em Genebra, em 1974. Creio que é um privilégio encontrar um mestre, um professor. Hoje estamos aqui no Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica, na terra de Paulo Freire, onde o nome dele está sendo muito lembrado porque tem tudo a ver com os temas aqui discutidos, particularmente em relação aos Direitos humanos e à cidadania. Creio que se ele estive aqui ele diria que a Educação Profissional também deveria ser uma educação em direitos humanos, uma educação para e pela cidadania.

Folha de Pernambuco - *Que ensinamentos podem ser extraídos dessa convivência com Freire?*

Moacir Gadotti – Com ele aprendi muitas lições. A principal foi a de me mostrar a “boniteza de ser gente”, a boniteza de ser professor. A beleza existe em todo lugar. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade, depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar. Feliz do professor que encontrou um mestre. Feliz da pessoa que encontrou alguém que lhe mostrou a beleza de sonhar. O sonho do professor é ensinar e aprender com sentido. Na nossa profissão, sonho e sentido querem dizer a mesma coisa. Sentido quer dizer caminho não percorrido mas que se deseja percorrer. Portanto, significa projeto, sonho, utopia. Aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente.

Folha de Pernambuco – *E em relação à educação brasileira hoje, o que Paulo Freire diria?*

Moacir Gadotti – Acho que precisamos pensar na resposta a essa pergunta a partir da prática dele. Quando ele iniciou sua gestão como Secretário Municipal de Educação de São Paulo, em 1989, ele falava em “Escola Pública Popular”, defendendo uma escola pública que atendesse aos interesses e necessidades das populações que mais precisam dela. Já no final da gestão ele começou a falar nessa escola pública como “Escola Cidadã”, definindo-a como uma “escola de companheirismo”, uma “escola de comunidade”, uma escola que “vive a experiência tensa da democracia”. Este foi o último sonho de Paulo Freire: uma educação cidadã.

Folha de Pernambuco – *Uma última pergunta: é o momento de pensarmos num novo Sistema Nacional de educação?*

Moacir Gadotti – Creio que ainda não temos um Sistema Nacional de Educação no sentido exato dessa expressão. Por isso, a CONAE (Conferência Nacional de Educação), em suas duas edições, teve esse tema como preocupação central. Temos muitos sistemas desarticulados e distribuídos pelos três entes federados. Precisamos construir um Sistema Nacional de Educação como resultado de um esforço comum dentro de uma lógica federativa de colaboração e de cooperação entre Municípios, Estados e União. A educação precisa ser uma questão nacional e não uma questão municipal, estadual e federal apenas. A questão central das reformas educacionais no Brasil é enfrentar o modelo, o paradigma: as ideias que orientam nossas reformas são ainda, basicamente, neoliberais, pois tomam como ponto de partida a lógica da eficiência empresarial. Quando a CNTE (Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação) fala num sistema nacional “democrático e emancipador” ela aponta para um outro modelo, um outro paradigma. Nossa referência não pode ser o mercado mas a cidadania.